

Luís Manuel de Araújo

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Henut-tauí: uma dama do antigo Egipto

Resumo

Henut-tauí foi uma dama egípcia que viveu na primeira metade do século X a. C., na XXI dinastia, filha do faraó Smendes e esposa de Pinedjem I, sumo sacerdote de Amon que exerceu o seu pontificado em Tebas (1070-1055 a. C.). A dama foi muito importante na época em que viveu, a avaliar pelos sonantes títulos exibidos em vários materiais funerários, e noutros documentos. Do seu espólio sobreviveu um sarcófago, vários papiros funerários, para além de estatuetas de faiança azul, guardadas em diversos museus. São esses vários materiais que nos informam sobre a rica titulação de Henut-tauí, a qual exhibe importantes títulos, uns de timbre real e outros de âmbito sacerdotal, atestando os altos cargos a que podia chegar uma mulher da alta sociedade no Império Novo e no Terceiro Período Intermediário.

Abstract

Henut-tawy, daughter of the Pharaoh Smendes, was an Egyptian lady who lived in the 21st dynasty during the first half of the 10th century B.C. and married Pinedjem I, High Priest of Amon, who exercised his pontificate in Thebes (1070-1055 B. C.). She was very important at that time, according to the high titles found on several funerary objects and in other documents. A sarcophagus and several papyri survived from her tomb, not to mention blue faience statuettes which are today kept in several museums. These materials reveal the high social status of Henut-tawy, showing evidence of important titles, some royal and others of a religious nature. Such facts attest to the positions which a woman of high society could achieve in the New Empire and in the Third Intermediate Period.

Henut-tauí foi uma dama egípcia que viveu na primeira metade do século X a. C., na XXI dinastia, sendo esposa de Pinedjem I, sumo sacerdote de Amon que exerceu o seu pontificado em Tebas (1070-1055 a. C.). A dama era filha do faraó Smendes, o fundador da XXI dinastia (então com a sua capital em Tânis,

no Delta Ocidental), e da rainha Tentamon, sendo por isso neta de Ramsés XI (1099-1070 a. C.), o último monarca do Império Novo¹.

Henut-taui, cujo nome tem a tradução de «Dama das Duas Terras»², foi muito importante na época histórica em que viveu, a avaliar pelos seus longos e sonantes títulos exibidos em vários materiais funerários e noutros documentos. Segundo Saphinaz-Amal Naguib³, ela foi co-esposa do sumo sacerdote de Amon, juntamente com Isitemkhebi A e provavelmente com outras esposas secundárias, para além de concubinas, como era típico na realeza – ou, como era o caso, nos pontífices amonianos que se assumiam com estatuto faraónico⁴.

Como na época outras damas de alta estirpe tiveram o mesmo nome, a Henut-taui que neste texto evocamos é habitualmente conhecida por Henut-taui A⁵. Nem todos os autores que estudaram este difícil período histórico estão de acordo quanto às relações familiares entre as várias personagens ligadas ao pontificado tebano da XXI dinastia. A opinião mais generalizada é a que considera a dama Henut-taui A mãe do sumo sacerdote Menkheperré (1045-992) e de Maatkaré A, cujas estatuetas funerárias exibem as mesmas características⁶. Foi também a mãe de Psusennes I, o mais influente e marcante faraó da XXI dinastia, cujo túmulo, descoberto em Tânis em 1939, mostra um requinte de baixela funerária só comparável aos grandes reis do Império Novo (a qual se pode imaginar pelo «modesto» túmulo de Tutankhamon). Era ainda mãe de Mutnedjemet que, como era típico entre a família faraónica, casou com seu irmão Psusennes I.

Henut-Taui A estava representada no túmulo colectivo de Deir el-Bahari (num penhasco a sul do templo funerário de Mentuhotep II) conhecido por «esconderijo real» ou «primeiro esconderijo» («cachette royale»), com um sarcófago, que hoje se conserva no Museu Egípcio do Cairo (nº 71 da lista de Niwiński)⁷, no estilo característico dos ataúdes pintados da primeira metade da XXI dinastia.

Também lá foram encontrados vários papiros funerários (também conservados no Museu Egípcio do Cairo), para além das suas estatuetas de faiança azul, todas

¹ Ver ARAÚJO, «Ramsés IX» (pp. 739-780) e «Smendes» (pp. 793-794), em *Dicionário do Antigo Egípto*. Note-se que Smendes é a forma helenizada do nome egípcio Nesubanebdjed.

² Para o nome veja-se RANKE, *Die Ägyptischen Personennamen*, I, 244, 12.

³ Para a importância de Henut-taui veja-se sobretudo NAGUIB, *Clergé Féminin*, pp. 81, 102, 134, 144, 148, 151 e 182.

⁴ Ver ARAÚJO, *O Clero de Amon*, pp. 138-140.

⁵ Ver NAGUIB, *Clergé Féminin*, p. 257 (index I, 59); também em KITCHEN, *The Third Intermediate Period*, pp. 49-55 §§ 42-45, p. 57 § 47; ainda em NIWIŃSKI, *21st Dynasty Coffins from Thebes*, p. 206 (table V).

⁶ Para Maatkaré A e o seu espólio funerário ver ARAÚJO, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, p. 379.

⁷ Para o sarcófago de Henut-taui veja-se NIWIŃSKI, *21st Dynasty Coffins from Thebes*, nº 71; para os papiros funerários ver ID., *Studies on the Illustrated Theban Funerary Papyri*, pp. 265 e 269.

exibindo a serpente sagrada frontal e com textos curtos que nos dão, após o inicial *shedj* e o título-nome de Osíris, dois títulos diferentes: alguns exemplares apresentam a ilustre dama como filha do rei e outros como esposa do rei⁸. São esses vários materiais que nos informam sobre a rica titulação de Henut-taui A, a qual exibe importantes títulos, uns de timbre real e outros de âmbito sacerdotal, embora ambos se completem na sonoridade das funções que lhe estavam cometidas.

É em pose de rainha e com o seu nome encartelado que a esposa de Pinedjem I surge nas estatuetas funerárias e noutros materiais do seu espólio fúnebre. Existem estatuetas funerárias com o nome de Henut-taui A no Museu Egípcio do Cairo⁹, em Inglaterra, nomeadamente em Cambridge (Fitzwilliam Museum) e Londres (pelo menos no Petrie Museum, University College, sendo possível que esteja também representada no British Museum)¹⁰ e ainda em França (no Museu do Louvre, Amiens, Besançon e na colecção Aubert)¹¹. Henut-taui A tem ainda estatuetas suas em Malta (La Valetta)¹², na Alemanha (em Hildesheim)¹³, em Espanha (no Museu Arqueológico Nacional de Madrid e no Museu Víctor Balaguer de Vilanova i la Geltrú)¹⁴, nos Estados Unidos (no Museum of Fine Arts de Boston e na Califórnia, San Bernardino)¹⁵, e ainda numa colecção privada do Canadá¹⁶. Também foram detectadas figurinhas da ilustre dama à venda no

⁸ De facto Henut-taui era filha de rei (Smendes) e esposa de rei (Pinedjem I), embora seja contestada a realza que Pinedjem I a si mesmo se atribui. Para a fórmula *shedj* e o título-nome de Osíris, que amiúde introduzem os textos das estatuetas funerárias, veja-se ARAÚJO, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, pp. 283-285.

⁹ Para as estatuetas funerárias existentes no Museu Egípcio do Cairo ver NEWBERRY, *CGC: Funerary Statuettes*, pp. 361-363 (CG 48461-48463, sendo o CG 48462 uma estatueta em pose de capataz).

¹⁰ Há estatuetas em Londres, no Petrie Museum, University College (PETRIE, *Shabtis*, pp. 14 e XX, nº 254, capataz) e em Cambridge, Fitzwilliam Museum (com um exemplar exposto, nº E55.1932).

¹¹ Há exemplares em Paris (Museu do Louvre, uma estatueta em ZIEGLER, *Archéologia*, 223, p. 25, fig. 3, e em *Tanis*, pp. 118-119, nº 1), na colecção Aubert (AUBERT, *Statuettes Égyptiennes*, p. 142 e pl. 27, fig. 59-60), em Amiens (Musée de Picardie, PERDU e RICKAL, *Amiens*, p. 73 nºs 97-98) e em Besançon, Musée des Beaux-Arts et d'Archéologie (GASSE, *Lois du Sable*, p. 56, nº 45).

¹² Para o chauabti de Malta, La Valetta, ver HALL e JANSSEN, *Chronique d'Égypte*, 59/117, pp. 18-19, nº 117.

¹³ Para o exemplar de Hildesheim ver SCHMITZ, *Nofret*, II, p. 126, nº 160a, e EGGBRECHT, *Pelizaesus-Museum*, p. 77, fig. 72.

¹⁴ Em Espanha há dois exemplares no Museo Arqueológico Nacional de Madrid, um dos quais está em exposição (nºs 5 e 13 da lista de TODA, *L'Antic Egipte*, p. 44), e um outro no Museu Víctor Balaguer, em Vilanova i la Geltrú (TODA, *Catálogo*, p. 32, nº 97, MONTERO e PADRÓ, *Catàleg del Museu Balaguer*, p. 2, nº 59, MORENO e PARRILLAS, *Revista de Arqueologia*, 84, p. 57 e ainda BAQUÉS ESTAPÉ, *Información Arqueologica*, 10, p. 3).

¹⁵ Nos Estados Unidos existem estatuetas em Boston (lista de Joyce Haynes: 65.1737) e na Califórnia, S. Bernardino (SCOTT III, *Temple, Tomb and Dwelling*, p. 103, nº 60A).

¹⁶ Há um exemplar numa colecção privada do Canadá, Ontario (HAYNES, *Shabtis*, pp. 18-19).

mercado de antiguidades, sempre bem fornecido de estatuetas funerárias egípcias para aquisição por interessados colecionadores¹⁷.

Infelizmente, entre as mais de cem estatuetas funerárias datadas da XXI dinastia existentes em Portugal (sobretudo no Museu Nacional de Arqueologia e na Sociedade de Geografia de Lisboa) não há nenhuma pertencente a Henut-tai A. Na verdade, há duas estatuetas com o nome de Henut-tai no acervo da Sociedade de Geografia de Lisboa, mas pertencem a uma dama homónima, de modestos títulos.



Estatueta funerária de faiança azul da dama Henut-tai com uma inscrição hieroglífica frontal, onde o seu nome surge dentro da tradicional cartela (Museu Victor Balaguer de Vilanova i la Geltrú, Catalunha, Espanha).

Num dos papiros com o seu nome vemos Henut-tai em digna pose de veneração, acompanhada por uma imagem do seu *ba*, o elemento psíquico que fazia parte integrante da pessoa e que se pode considerar como sendo a força eterna que confere capacidade de movimento ao defunto no Além¹⁸.

Mais do que nas suas estatuetas, cujo espaço para redacção de textos era assaz reduzido, é sobretudo no seu sarcófago e nos papiros fúnebres que se po-

¹⁷ Quanto ao mercado de antiguidades, sirva como exemplo DROUOT, 1992 (29/6), F (Mad. A); ID., 1993 (30/4), p. 20, nº 112 (capataz), e ID., 1994 (12/7), p. 16, nº 140.

¹⁸ Para o significado do *ba* como elemento metafísico componente da totalidade do ser veja-se ARAÚJO, «Ba», em *Dicionário do Antigo Egípto*, pp. 131-132.

dem aquilatar os sonoros títulos desta ilustre dama. De facto, os seus títulos reais, pintados num papiro funerário ou no seu sarcófago, apresentam-na como filha do rei, filha da grande esposa real, grande esposa real, mãe do rei e mãe da grande esposa real, enquanto os títulos de timbre sacerdotal a declaram superiora do harém de Amon, mãe do sumo sacerdote de Amon, mãe do comandante supremo do exército do Norte e do Sul, mãe da adoradora divina de Amon e mãe divina de Khonsu, entre outros¹⁹.

O nome de Henut-taui figurava ainda num vaso descoberto em Tânis, onde ela era chamada «Mãe de Khonsu» (Mutenkhonsu), subentendendo-se neste caso que o seu filho Psusennes I seria Khonsu. Assim, a preponderante tríade tebana de Amon, Mut e Khonsu estava personificada em Pinedjem I (sumo sacerdote de Amon em Tebas mas cujos títulos o apresentam com o estatuto de rei), Henut-taui A (fazendo o papel de Mut) e o jovem Psusennes I. O referido vaso encontra-se actualmente no Museu Egípcio do Cairo, com outros materiais achados no tú-



Imagem da rainha Henut-taui num papiro funerário, vendo-se também a imagem do seu *ba* sobre um altar (Museu Egípcio do Cairo). A dama exhibe sandálias de pontas reviradas, um colar requintado e usa um vestido transparente com duas longas faixas caindo da cintura. Sobre a peruca tem um diadema de onde irrompe a serpente sagrada.

¹⁹ Ver NAGUIB, *Clergé Féminin*, p. 257 (index I, 59).

mulo tanita. Também num bloco visto entre as ruínas de Akhmim foi possível ler o nome de Henut-taui dentro de uma cartela, atestando a sua afirmação como esposa real²⁰.

Os títulos de Henut-taui

Apresentamos de seguida a generosa panóplia de títulos exibidos por Henut-taui no papiro funerário que neste artigo se publica, dando-se para cada caso a transcrição, para que possam ser lidos em prosódia aproximada, e a respectiva transliteração a partir do texto hieroglífico.

Osíris (Usir: *Wsir*) – O título-nome de Osíris era conferido aos defuntos que, em princípio, tinham passado pelo tribunal de Osíris, onde proclamavam o capítulo 125 do «Livro dos Mortos» atestando a sua vivência justa e maética durante a sua vida terrena. De resto, só assim é que podiam alcançar o Além onde como seres deificados fruiriam, tal como Osíris, a vida eterna.

Grande concubina de Amon em Tebas (*hesit aat en Amon en Uaset: ḥsyt ʕ3t n Imn n W3st*) – Este título reflecte bem a importância das esposas divinas de Amon, preferindo alguns traduzir a forma *hesit* por «favorita» ou «música» do harém de Amon (ou então do «grupo musical» de Amon).

Filha do rei (*sat-nesu: s3t-nsw*) – Título que também se pode interpretar como princesa. De facto Henut-taui era filha do rei Smendes e da rainha Tentamon.

Filha da esposa real (*sat-hemet-nesu: s3t-ḥmt-nsw*) – A esposa real aqui referida é a princesa Tentamon, filha de Ramsés XI. O casamento de Smendes, fundador da XXI dinastia, com Tentamon reforçou as suas pretensões ao trono.

Mãe do rei (*mut-nesu: mwt-nsw*) – De facto Henut-taui era mãe do rei Psusennes I que reinava em Tânis, embora tivesse autoridade teórica sobre todo o Egipto. Mas na prática a autoridade em Tebas e em todo o Sul do Egipto estava durante o seu reinado nas mãos do poderoso clero de Amon.

Mãe do sumo sacerdote de Amon (*mut en pa hem-netjer tepi en Amon: mwt n p3 ḥm-ntr tpy n Imn*) – O título reflecte o facto de Henut-taui ser mãe do sumo sacerdote Menkheperre, que sucedeu no pontificado a outros filhos de Pinedjem I (e da sua outra esposa Isitemkhebi A).

²⁰ Ver ARAÚJO, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia*, pp. 339 e 360, notas 21 e 22.

Mãe da adoradora divina de Amon (*mut en duat-netjer en Amon: mwt n dw3t-ntr n Imn*) – Henut-taui era mãe da adoradora divina Maatkaré A, que, devido à especificidade das suas funções, não se casou: de facto, a adoradora divina (*duat-netjer*) deveria manter-se virgem, sendo «casada» apenas com Amon.

Mãe da grande esposa real (*mut en hemet-nesu ueret: mwt n hmt-nsu wrt*) – A grande esposa real é a rainha Mutnedjemet, casada com seu irmão Psusennes I, como acima vimos.

Sacerdotisa de Mut a grande senhora de Acheru (*hemet-netjer en Mut ueret nebet Acheru: hmt-ntrt n Mwt wrt nbt Išrw*) – Henut-taui estava ligada ao culto da deusa Mut, cujo templo se situava a sul do grande templo de Karnak, dedicado a Amon-Ré, esposo da deusa. O epíteto de senhora de Acheru deriva do nome do lago sagrado que envolvia o templo da deusa.

A superiora do templo de Khonsu em Tebas (*aat en per en Khonsu em Uaset, nefêr-hotep: ʕt n pr n Hnsw m W3st, nfr-htp*) – O pequeno templo de Khonsu, situado a sueste do grande templo de Karnak dedicado a Amon-Ré, é hoje considerado como um dos mais bem conservados do Egípto. Era aí que Henut-taui exercia as suas altas funções como sacerdotisa do deus lunar, o qual tinha o epíteto de Nefer-hotep.

Sacerdotisa de Onuris-Chu, filho de Ré (*hemet-netjer en Anher-Chu sa Ré:hmt-ntrt n In-hr-šw s3 Rʕ*) – Esta divindade sincrética resulta da associação de Onuris (An-hur) divindade solar venerada em Sebenitos, no Delta, e em Tis, no Alto Egípto (também chamada Tinis), com Chu, também divindade solar.

Mãe divina de Khonsu Criança (*mut-netjer en Khonsu-pa-khered: mwt-ntr n Hnsw-p3-hrd*) – O título procura enfatizar a relação entre a deusa Mut (mãe de Khonsu, o jovem deus tebano filho de Amon e Mut) e a rainha.

Primeira grande esposa real de sua majestade (*hemet-nesu ueret tepit en hemef: hmt-nsu wrt tpyt n hm.f*) – Este desenvolvido título pressupõe, como já antes referimos, a existência de outras esposas secundárias na corte faraónica. O rei aqui evocado é o sumo sacerdote Pinedjem I, cuja realeza é controversa.

Senhora das Duas Terras (*nebet Taui: nb(t)-T3wy*) – Correspondente feminino do título real de senhor das Duas Terras (*neb Taui*), o qual equivalia a rei do Alto e Baixo Egípto. Assim sendo, a sua versão feminina pode ser entendida como rainha do Alto e Baixo Egípto.

Após a enumeração dos títulos o papiro apresenta a própria personagem com o seu nome dentro de uma cartela:

Duat-Hathor Henut-tai: *dw3t Hr-Hr hmwt-T3wy* – A tradução do nome completo é «Adoradora de Hathor, Dama das Duas Terras». Note-se que o mais



Texto em hieróglifos cursivos, dispostos em seis linhas verticais, pintados no papiro funerário de Henut-tai (Museu Egípcio do Cairo). Note-se que os nomes de Henut-tai e Tentamon estão dentro de cartelas.

importante cargo sacerdotal feminino, que iria crescer em poder religioso (e até político) a partir da XXII dinastia, foi o de adoradora divina (*duat-netjer*), embora Henut-tai se fique aqui pelo título-nome de adoradora de Hathor.

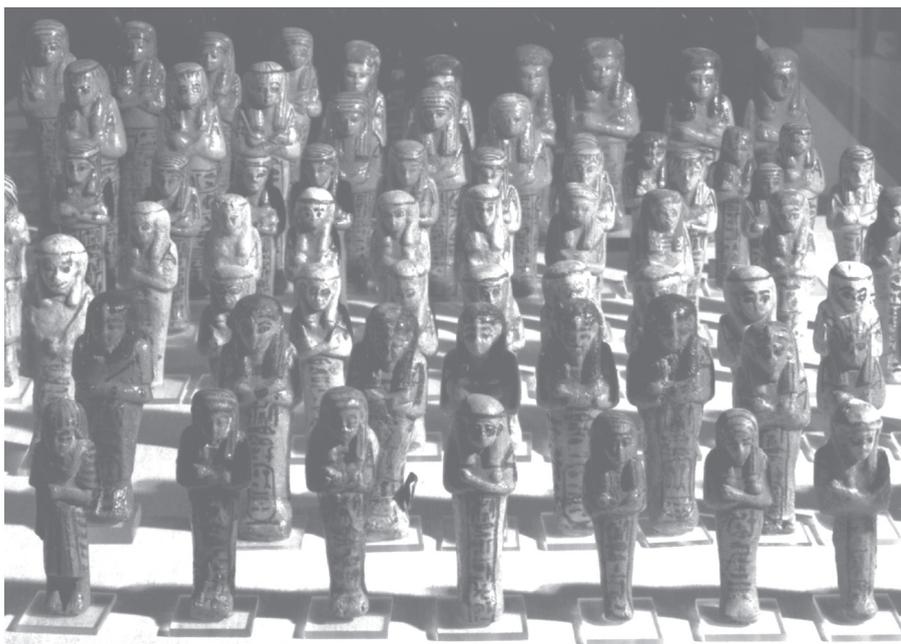
Segue-se finalmente a filiação da dama, que era filha de Tentamon, cujo nome surge dentro de uma cartela: *ms n ʔ3-nt-ʔmn*.

Alguns dos títulos de Henut-tai presentes no papiro funerário e no sarcófago que se conserva no Museu Egípcio do Cairo reflectem uma clara ligação à realeza e outros estão conotados com o pontificado tebano:

- | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---------|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Filha do rei (princesa) 2. Filha da grande esposa real 3. Primeira grande esposa real 4. Mãe do rei (rainha mãe) 5. Mãe da grande esposa real | } | realeza |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|---------|

- | | | |
|------------------------------------|---|-------------|
| 6. Superiora do harém de Amon | } | pontificado |
| 7. Mãe do sumo sacerdote de Amon | | |
| 8. Mãe da divina adoradora de Amon | | |
| 9. Sacerdotisa de Mut de Acheru | | |
| 10. Superiora do templo de Khonsu | | |

A recheada titulatura de Henut-taui demonstra bem a interligação entre os altos cargos político-ideológicos ligados à realeza faraônica e as funções sacerdotais, neste caso da principal divindade então cultuada no Egípto, Amon de Tebas, conhecido pelo epíteto de «rei dos deuses». E no âmbito das suas funções sacerdotais note-se que a dama era também figura de relevo entre a clerezia das divindades familiares do deus tebano, a deusa Mut, sua esposa, e o jovem deus Khonsu, seu filho, cujos templos ficavam perto do grande complexo amoniano de Karnak. Esta acumulação de títulos notáveis é ainda um claro exemplo de como uma mulher podia, no antigo Egípto, alcançar altos cargos e uma notória influência na sociedade que não se compara à situação desfrutada pelas mulheres de outras sociedades pré-clássicas coevas do Egípto faraônico.



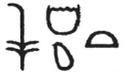
Conjunto de estatuetas funerárias de faiança azul: a rainha Henut-taui e os seus contemporâneos. As estatuetas de Henut-taui são as da segunda fila (Museu do Louvre).

Lista hieroglífica de títulos

1 
Wsir

2 
ḥsyṯ ʿ3t n Imn n W3st

3 
s3t-nsw

4 
s3t-ḥmt-nsw

5 
mwt-nsw

6 
mwt n p3 ḥm-nṯr tpy n Imn

7 

mwt n dw3t-nṯr n Ṭmn

8 

mwt n ḥmt-nsw wrt

9 

ḥmt-nṯrt n Mwt wrt nbt Ṭšrw

10 

ʿ3t n pr n Ḥnsw m W3st (nfr-ḥtp)

11 

ḥmt-nṯrt n In-ḥr-Šw s3 R^c

12 

mwt-nṯr n Ḥnsw-p3-ḥrd

13



hmt-nsw wrt tpyt n hm.f nb(t)-T3wy

14



dw3t Ht-Hr hnwt-T3wy

15



ms n t3-nt-Imn

Bibliografia consultada

Luís Manuel de ARAÚJO, *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egipto*, Col. Temas Pré-Clássicos, 2, Lisboa: Edições Colibri, 1995.

Luís Manuel de ARAÚJO, *O Clero do Deus Amon no Antigo Egipto*, Col. Orientalia Lusitana, 2, Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

Luís Manuel de ARAÚJO, «Adoradora divina», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 29-30.

Luís Manuel de ARAÚJO, *Estatuetas Funerárias Egípcias da XXI Dinastia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

J.-F. AUBERT e Liliane AUBERT, *Statuettes Égyptiennes. Chaouabtis, Ouchebtis*, Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien Maisonneuve, 1974.

Lorenzo BAQUÉS ESTAPÉ, «Galería de personajes en las piezas egipcias de los museos catalanes y Museo Balear. I - Museo Biblioteca Víctor Balaguer de Vilanova i la Geltrú», em *Informacion Arqueologica*, 10, Barcelona, Janeiro-Abril 1973, pp. 1-5.

José Nunes CARREIRA, «Mulher», em *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 585-592.

- Jean-Pierre CORTEGGIANI, *The Egypt of the Pharaohs at the Cairo Museum*, Londres: Scala Publications, 1987.
- Christiane DESROCHES-NOBLECOURT, *La Femme au Temps des Pharaons*, Le Livre de Poche, Paris: Éditions Stock/Laurence Pernoud, 1986.
- Michel DEWACHTER, «Contribution à l'histoire de la cachette royale de Deir el-Bahari», em *Bulletin de la Société Française d'Égyptologie*, 74, Paris, 1975, pp. 19-32.
- DROUOT, «Antiquités Égyptiennes», em *Vente à Paris*, Hôtel Drouot, Paris, 29 de Junho, 1992.
- Arne EGGBRECHT (ed.), *Pelizaeus-Museum Hildesheim: Die Ägyptische Sammlung*, Roemer- und Pelizaeus Museum, Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1993.
- Annie GASSE, *Loïn du Sable. Collections Égyptiennes du Musée des Beaux-Arts et d'Archéologie de Besançon*, Besançon: Musée des Beaux-Arts et d'Archéologie de Besançon, 1990.
- Rosalind HALL e J.J. JANSSEN, «Six inscribed objects in the National Museum of Archaeology, Malta», em *Chronique d'Égypte*, 59/117, Bruxelas: Fondation Égyptologique Reine Elisabeth, 1984, pp. 14-26.
- Joyce HAYNES, *Shabûs. Privately Owned Egyptian Antiquities in Ontario*, The Society for the Study of Egyptian Antiquities, VII, Toronto: Benben Publications, 1983.
- Kenneth KITCHEN, *The Third Intermediate Period in Egypt (1100-650 BC)*, 2ª edição revista com suplemento, Warminster: Aris & Phillips, 1986.
- Trinidad MONTERO e Josep PADRÓ, *Catàleg del Museu Balaguer. 2: Col·lecció egípcia*, Biblioteca-Museu Víctor Balaguer, Vilanova i la Geltrú, Barcelona: Generalitat de Catalunya, 1987.
- Concepción MORENO e Isabel PARRILLAS, «La Biblioteca Museo Víctor Balaguer», em *Revista de Arqueología*, 84, Madrid, Abril 1988, pp. 54-59.
- Saphinaz-Amal NAGUIB, *Le Clergé Féminin d'Amon Thébain à la 21e Dynastie*, Orientalia Lovaniensia Analecta, Lovaina: Peeters, 1990.
- Percy NEWBERRY, *Funerary Statuettes and Model Sarcophagi*, Catalogue Général du Musée du Caire (CGC 46530-48575), Cairo, 1930, 1937, 1957.
- Andrzej NIWIŃSKI, *21st Dynasty Coffins from Thebes. Chronological and Typological Studies*, Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1988.

- Andrzej NIWIŃSKI, *Studies on the Illustrated Theban Funerary Papyri of the 11th and 10th Centuries B. C.*, Orbis Biblicus et Orientalis, 86, Universitätsverlag Freiburg Schweiz, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989.
- Olivier PERDU e Elsa RICKAL, *La Collection Égyptienne du Musée de Picardie*, Paris, Amiens: Réunion des Musées Nationaux, Musée de Picardie, 1994.
- Flinders PETRIE, *Shabtis, illustrated by the Egyptian Collection in University College, London*, Warminster: Aris & Phillips Ltd, 1974.
- Hermann RANKE, *Die Ägyptischen Personennamen*, I, Glückstadt: Verlag J. J. Augustin, 1935.
- Betina SCHMITZ, *Nofret - Die Schöne. Die Frau im Alten Ägypten: «Wahrheit» und Wirklichkeit*, Roemer- und Pelizaeus-Museum, Hildesheim, Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1985.
- Gerry SCOTT III, *Temple, Tomb and Dwelling: Egyptian Antiquities from the Harer Family Trust Collection*, University Art Gallery, San Bernardino: California State University, 1992.
- Eduard TODA, *Catálogo de la colección egípcia, Biblioteca-Museo Balaguer*, Madrid: Imprenta y Fundación de Manuel Tello, 1887.
- Christiane ZIEGLER, «Tanis, l'Or des Pharaons», em *Archéologia, Pre-histoire et Archéologie*, 223, Fontaine-lès-Dijon, Abril 1987, pp. 20-29.